

Assim falou Saramago! Memória e direitos humanos

*Sara Almarza**

Um acontecimento que poderia passar como casual, mas jamais como irrelevante, me leva a refletir sobre o papel fundamental que tem o trabalho da memória na defesa dos direitos humanos. Vocês perguntarão: será que esses temas podem se aproximar? Parece-me que eles se encontram na linha dos estudos ligados ao que hoje se denomina *cultura da memória*, na qual diversas bifurcações reflexivas iluminam diferentes facetas dos estudos sobre a memória: a geracional, a da cultura política, a nacional, a regional (pensando em América Latina), a dos monumentos, o trauma da memória e a síndrome da memória recuperada, tema de vasta literatura¹. Não é meu intuito teorizar nenhum desses aspectos, simplesmente gostaria de assinalar, com um exemplo específico, como a memória é o substrato de quem escreve a história – afirmação que ninguém discute –, e como a sociedade civil deve cumprir um papel fundamental guardando e cultivando esse substrato².

No mês de setembro se completarão trinta anos da derrubada da democracia no Chile e na sociedade existe grande polêmica frente a essa data, pois ainda os chilenos vivemos com as feridas abertas, e bastante manuseadas e contaminadas. Nessa atmosfera, a cidade de Santiago recebeu o grande literato e o ardente defensor dos direitos do homem, José Saramago, que teve a magnífica decisão de começar sua estada no país³, e assim dar início às suas atividades, com uma visita à ominosa Villa Grimaldi – hoje convertida num Parque da Paz –, local que se tem conservado como emblemático⁴ dos anos da repressão, pois nesse lugar, e em vários outros, se torturou, se matou e se ultrajou adolescentes, adultos e velhos, homens e mulheres durante o golpe militar chileno.

Nos vários encontros que foram organizados com familiares de presos e desaparecidos, com estudantes, com intelectuais e com políticos, ele insistiu com firmeza sobre a ligação entre os direitos humanos e a democracia. Duas realidades que, segundo Saramago, se necessitam, pois não há democracia se falta um desses componentes. Em todas as tribunas e para os diversos

públicos, não se cansou de criticar o conceito atual de democracia. A despeito de que exista o voto – disse – e as “maiorias estabeleçam um governo, esses governos não representam mais que o papel de comissários políticos do poder econômico, o que transforma os governos atuais em plutocracias, o governo dos ricos”⁵. Com sua voz pausada, sua atraente ironia e sua habilidade de síntese, o escritor explicitou a realidade de uma América Latina inserida na rede das globalizações e dominada pelo capital transnacional.

Nesse panorama onde o direito do dinheiro domina, os direitos humanos estão superditados ou não têm cabida, incomodam e por isso as democracias atuais latino-americanas tendem a negociá-los ou a silenciá-los. Nesse sentido, a presença de Saramago em um dos locais de tortura fez com que os fatos acontecidos durante duas décadas voltem para o coletivo e não fiquem guardados no espaço individual. As atrocidades contra as pessoas se fazem presente novamente e, assim, a sociedade não permite que fiquem esquecidas no passado, alimentando essa cultura do esquecimento que é outra brecha dos estudos sobre a memória.

A visita de Saramago à Villa Grimaldi ajudou a alimentar a memória social. Por quê? Em que consistiu o papel de Saramago? Sua figura de escritor, de Nobel e de homem que se define frente às conjunturas⁶ e que é mundialmente conhecido, permitiu que atraísse a imprensa, que seus passos se noticiassem, que fosse entrevistado, que gravasse programas de televisão e, dessa maneira, colaborou a que fatos do passado regressem à atualidade, em outras palavras, ajudou a recordar. A realidade repressiva chilena, que durou dezessete anos, é aludida mais uma vez e a presença do escritor impede que se esfume. Possibilitou que a sociedade se enfrentasse novamente com episódios da ditadura militar – que em seu momento não se divulgavam –, que arrasaram com os mínimos direitos das pessoas e que, atualmente, poderosas forças sociais ideológicas e econômicas tentam deixar nas sombras do esquecimento⁷.

Saramago insuflou uma nova força à rememoração. Sua visita alimentou e ajudou na consolidação, no imaginário de um passado de sucessos políticos que formam parte da história de um país. Junto ao escritor português, falou também uma sobrevivente das torturas e uma testemunha da morte de uma amiga nesse local. Então, em termos teóricos, ao conservar a memória social, se cimenta, por sua vez, o imaginário, nutriente essencial do substrato que formará o alicerce da história que chegará a ser o legado para as gerações futuras.

O ponto central destas linhas é salientar a necessidade vital e política – e fornecer um exemplo da realidade latino-americana para o marco teórico dos estudos sobre a cultura da memória – de não deixar esquecer os acontecimentos dos vencidos, dos ofendidos, dos humilhados que, com o passar do tempo, a pessoa humana tende a guardar e a silenciar, especialmente as dores. Se os indivíduos calam, a sociedade emudece e a história esquece.

Em relação à construção da história, os contemporâneos aos fatos têm obrigação de fazer presente, isto é, presentificar, como já disse, trazendo de volta as emoções, as imagens e as testemunhas para que esse passado não se apague. As lembranças, que por essência são individuais, devem ser compartilhadas.

As sociedades de hoje, fortemente globalizadas, nas quais as comunicações fazem circular os acontecimentos em forma vertiginosa e o acúmulo de notícias sobrepassa a capacidade do homem de se lembrar, levam às pessoas a viver só do presente e até as recordações e as íntimas vivências podem ficar obsoletas. É necessário, então, que tanto os indivíduos quanto a sociedade civil desenvolvam uma **memória obstinada** com a finalidade de construir e legar uma história verídica. Em relação a um possível *excesso de memória*⁸ que pudesse estar enfrentando o século XXI quando mira os enormes acontecimentos da centúria anterior, talvez seja pertinente distinguir – como afirma Huysen – os “passados usáveis dos passados dispensáveis”⁹. Proponho, com convencimento, que o atropelo aos direitos humanos jamais poderá se entender como um passado dispensável. Por isso a liberdade e a ousadia de José Saramago são paradigmas da função social das figuras públicas na preservação da consciência histórica.

Notas

*Universidade de Brasília

¹ Ver Andreas Huysen, *Seducidos pela memória*, Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000; *En busca del futuro perdido*, México, DF, FCE, 2002.

² Utilizo expressamente *cultivar* porque tem a mesma raiz do termo cultura; o sentido primigênio da noção de cultura é cuidar, cultivar.

³ O escritor permaneceu em Santiago de 27 a 30 de abril de 2003.

⁴ O termo “emblemático” é usado por sua riqueza metodológica; entenda-se como um conceito que recolhe as memórias soltas outorgando-lhes um sentido coletivo. É preciso observar também que os outros locais de tortura foram modificados, assim passam a ser de difícil identificação para a sociedade.

⁵ Conferência no Auditório José Carrasco, Faculdade de Jornalismo, Universidade do Chile, Santiago, 30 de abril de 2003. Também se referiu a seu novo romance *O homem duplicado*.

⁶ Desaprovou públicamente os recentes fuzilamentos em Cuba. Frente à pergunta de seu distanciamento da Revolução Cubana, sua resposta foi: “é a Revolução que se tem distanciado dela mesma”.

⁷ Os jornais comprometidos com a ditadura não noticiaram a visita de Saramago à Villa Grimaldi.

⁸ Charles S. Maier, “A Surfeit of Memory?”, *History and Memory*, 5 (1992), 136-151.

⁹ Huysen, *Seducidos pela memória*, op. cit., p. 37.